



## OBSERVATÓRIO DO IDADISMO: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DE COMBATE AO PRECONCEITO ETÁRIO

OBSERVATORY OF AGEISM: FIRST EXPERIENCES IN BATTLING AGEISM

Marcus Vinicius Borges Oliveira<sup>1</sup>  
Larissa Picinato Mazuchelli<sup>2</sup>  
Andreia Rios de Souza<sup>3</sup>  
Alana Suely de Miranda Souza Menezes<sup>4</sup>  
Ester Batista de Farias Santos<sup>5</sup>

**Manuscrito recebido em:** 15 de maio de 2022

**Aprovado em:** 14 de fevereiro de 2023.

**Publicado em:** 21 de março de 2023.

### Resumo

**Introdução:** O *idadismo* (uma das possíveis traduções do termo “ageism”) é um fenômeno que promove a circulação de estereótipos e a discriminação a partir da propagação de discursos com base na idade. Quando relacionado ao envelhecimento, o idadismo traz efeitos negativos, para a saúde física e mental de pessoas idosas, que repercutem em todo tecido social. **Objetivo:** Relatar a experiência do primeiro ano do Projeto de Extensão “Observatório do Idadismo”, que nasce como uma resposta de enfrentamento ao idadismo. **Método:** Apresentar seu funcionamento, refletindo sobre as ações realizadas e seus expedientes metodológicos. As experiências relatadas dizem respeito ao monitoramento, à elaboração de produtos audiovisuais e de atividades de formação anti-idadistas, tais como o acompanhamento de notícias sobre o tema, a publicização de conteúdo especializado em redes sociais, a elaboração de um manifesto e a realização de oficinas e rodas de conversa. **Resultados:** Estas atividades propiciaram um aprofundamento da compreensão do idadismo e de seus efeitos, o que possibilitou que os participantes das atividades e os integrantes do projeto pudessem questionar suas posturas discriminatórias e reducionistas acerca do envelhecimento. **Conclusão:** Considerando os desafios próprios de um trabalho de extensão e da complexidade da temática, conclui-se que este relato pode servir para discussões teórico-metodológicas com vistas ao desenvolvimento de estratégias diversas no enfrentamento do idadismo.

**Palavras-chave:** Idadismo; Envelhecimento; Observatórios de Saúde; Saúde do idoso.

### Abstract

**Introduction:** Ageism is a phenomenon associated with creating and spreading stereotypes and discrimination based on age. When related to aging, ageism has damaging effects on

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professor no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7120-4527> Email: [marcus.oliveira.fono@gmail.com](mailto:marcus.oliveira.fono@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas com estágio de Pós-Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora na Universidade Federal de Uberlândia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5253-7593> Email: [larissa.mazuchelli@ufu.br](mailto:larissa.mazuchelli@ufu.br)

<sup>3</sup> Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade Federal da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9374-3078> Email: [andreia.rios.souza@gmail.com](mailto:andreia.rios.souza@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade Federal da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1621-210X> Email: [alanamenezes700@gmail.com](mailto:alanamenezes700@gmail.com)

<sup>5</sup> Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade Federal da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3532-2598> Email: [santos.ester@ufba.br](mailto:santos.ester@ufba.br)



older people's physical and mental health, affecting the entire social fabric. **Objective:** This article aims to report the experience of the first year of the Outreach Project "Observatory of Ageism" – born as a response to confront ageism. **Methodology:** Present its operation, reflecting on the actions carried out and its methodological approaches. The reported experiences concern monitoring news, developing audiovisual products, and anti-aging formative activities, such as examining newspaper articles and news on the subject, publishing specialized content on social networks, elaborating a manifesto, and organizing workshops and group conversations. **Results:** These activities provided a deepening of the understanding of ageism and its effects, enabling the participants of the activities and the project's members to question their discriminatory and reductionist attitudes about aging. **Conclusions:** Considering the challenges inherent to outreach work and the complexity of the theme, it is concluded that this report aims to serve as theoretical-methodological discussions that can support the development of different strategies to face ageism.

**Keywords:** Ageism; Aging; Health Observatories; Older People's Health.

## INTRODUÇÃO

O preconceito etário, também conhecido como *idadismo* (uma das possíveis traduções do termo "ageism"), é um fenômeno que promove a criação de estereótipos e discriminação a partir da propagação de discursos com base na idade. Nesse processo, o envelhecimento é associado a imagens negativas relacionadas a doenças, incapacidade e morte, enquanto as pessoas idosas são infantilizadas e tuteladas sob um viés capacitista. Ao mesmo tempo, reforça-se o imaginário de uma juventude "cheia de saúde e invencível", porém "irresponsável e imprudente" (World Health Organization, 2021).

O idadismo afeta tanto a saúde física quanto a própria longevidade. Estudos mostram, por exemplo, que uma crença excessivamente negativa sobre o processo de envelhecimento está relacionada à diminuição da longevidade, enquanto autopercepções positivas do envelhecimento estão relacionadas com um menor risco de morte (Kotter-Gruhn *et al.*, 2009). Como apontam Levy *et al.* (2002, p. 261): "indivíduos mais velhos com autopercepção mais positiva do envelhecimento, medida até 23 anos antes [do estudo], viveram 7,5 anos a mais do que aqueles com autopercepção menos positiva do envelhecimento".

Com relação à saúde mental, experiências preconceituosas e a discriminação também estão associadas à depressão e a outros transtornos mentais e psiquiátricos. Chang *et al.* (2015) mostram, por exemplo, que cerca de 6 milhões de casos de depressão estão associados ao idadismo, sendo a maior parcela, cerca de 5 milhões, presente em países menos desenvolvidos.



Já em relação ao bem estar social, o Relatório Mundial sobre o Idadismo, elaborado pela Organização Mundial da Saúde e publicado em 2021 como parte da campanha mundial contra o idadismo, mostra que o idadismo também impacta negativamente a qualidade de vida, provocando tabus em relação à sexualidade e intensificando o sentimento de solidão e de isolamento social. Além disso, está relacionado ao aumento da insegurança e do medo de ser vítima de preconceito e violência (World Health Organization, 2021).

Além desses aspectos, o aumento demográfico da população idosa, observado nas últimas décadas em diversos países, passou a ser cada vez mais associado às despesas relacionadas à previdência social e aos cuidados de saúde, contribuindo para reforçar o discurso infundado de que os idosos seriam um 'fardo para a economia'. Recentemente, ouvimos do então Ministro da Economia, Paulo Guedes, que agora "Todos querem viver 100 anos" (Kuhl, 2021), como se o desejo de uma vida longa fosse ilegítimo, em uma completa inversão de valores. De maneira semelhante, durante um dos momentos mais dramáticos durante a pandemia de Covid-19, nos deparamos com a afirmação da superintendente da Superintendência de Seguros Privados, Solange Vieira: "a morte de idosos por Covid-19 melhora as contas da previdência" (Lindner e Vargas, 2020).

Embora os primeiros estudos acerca do idadismo datem do fim da década de 1960, com o trabalho pioneiro de Robert N. Butler nos Estados Unidos, e apesar dos avanços brasileiros para assegurar os direitos dessa população, com a promulgação da Política Nacional do Idoso (1994) e do Estatuto da Pessoa Idosa (2003), a pandemia de Covid-19, discursos como esses, associados a práticas discriminatórias e violentas, apontam para a intensificação do preconceito contra a pessoa idosa, frente ao que muitos pesquisadores consideraram como gerontocídio (Kalache *et al.* 2020). No Brasil, o governo Bolsonaro reforçou a percepção social de idosos como "inúteis e descartáveis" ao afirmar, por exemplo, que "idosos é que deveriam estar trancafiados e não o resto da população, que precisa trabalhar" (Sakamoto, 2020,s/p). Ainda no contexto da pandemia, o escândalo da Prevent Senior — investigada em Comissão Parlamentar de Inquérito por denúncias de alteração de prontuários médicos para manipular os óbitos por Covid-19, realização de pesquisa sem consentimento e distribuição de medicamento sem eficácia comprovada (Silveira, 2021) — estremeceu o país.



Foi em resposta ao incômodo causado pela intensificação dos discursos idadistas e de práticas discriminatórias durante a pandemia que surge, em maio de 2021, o “Observatório do Idadismo”, um Projeto de Extensão vinculado à Universidade Federal da Bahia que se propõe a ser um espaço em prol da democratização da informação e da participação social na construção e no fomento de pensamento crítico acerca do idadismo e do envelhecimento. O observatório está alinhado à Campanha Global de Combate ao Idadismo, lançada pela Organização das Nações Unidas em 2021 como parte das ações que compõem a Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030. A campanha promove o desenvolvimento de três ações principais: (i) investir em estratégias com base científica para prevenir e combater o idadismo; (ii) melhorar os dados e as pesquisas para compreender melhor o idadismo e como reduzi-lo; e (iii) construir um movimento para mudar o discurso em torno da idade e do envelhecimento (World Health Organization, 2021).

Dessa forma, o Observatório do Idadismo promove atividades baseadas em três eixos: (i) monitoramento midiático de publicações que tematizam o envelhecimento e o idadismo com investigação, reflexão e análise de movimentos discursivos observados; (ii) publicização de conhecimento qualificado sobre envelhecimento e idadismo; e (iii) atividades de formação anti-idadista a partir de oficinas, workshops e rodas de conversa. Atualmente, é formado por professores, profissionais de saúde e estudantes de graduação e de pós-graduação. As atividades do observatório são discutidas e planejadas quinzenalmente em encontros síncronos virtuais por meio da plataforma Google Meet.

Considerando o contexto de surgimento do Observatório do Idadismo e a necessidade premente de enfrentamento do idadismo, este artigo tem como objetivo relatar a experiência do primeiro ano do projeto, de forma a demonstrar seu funcionamento, refletindo sobre as ações realizadas e seus expedientes metodológicos. Para tanto, apresentamos um relato das atividades desenvolvidas neste primeiro ano, destacando as ações realizadas e discutindo sua relevância para o combate ao idadismo e para a formação crítica sobre o tema. Em seguida, apresentamos a conclusão deste trabalho, destacando os aprendizados desenvolvidos, a possibilidade de ampliação da compreensão sobre o idadismo e das ações de enfrentamento, e deste trabalho servir de experiência para propostas semelhantes.



## RELATO

Nesta seção, descrevemos a experiência do observatório no desenvolvimento de atividades ao longo deste primeiro ano de trabalho, realizando contrapontos teóricos e metodológicos às ações apresentadas. O relato parte da recuperação do vivido a partir de discussão dos membros, bem como da releitura das atas de reuniões e da discussão sobre os produtos desenvolvidos.

Inicialmente, a principal atividade realizada foi a leitura e discussão compartilhada do extenso relatório elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), chamado "Global Report On Ageism". Dada a sua importância ao informar e alertar sobre o idadismo, considerando as poucas discussões sobre o tema em língua portuguesa e a ausência do relatório traduzido à época, decidiu-se por publicizar, em formato audiovisual, as principais discussões do conteúdo de cada capítulo do relatório, como forma de contribuição à divulgação de informação científica sobre o tema.

Para tanto, foi necessário criar perfis em redes sociais (Instagram, Facebook e Twitter), que possibilitaram, durante as medidas de distanciamento social impostas pela pandemia, a circulação das informações presentes no relatório e a divulgação das demais ações do observatório, além de notícias, congressos etc. A contínua publicação do relatório demandou o esforço coletivo de sintetização das discussões apresentadas e de traduções, tanto de caráter interlingual quanto cultural e semiótica, para os gêneros pretendidos (Figura 1). As escolhas lexicais, a tradução de conceitos necessários para a discussão, bem como a organização espacial das imagens e dos textos foram pensados para articular tanto a informação necessária quanto sua apreensão por públicos não especializados, o que demandou um processo constante de (re)elaboração linguística e semiótica que garantisse a compreensão das publicações criadas por um público heterogêneo.





**Figura 1:** Exemplos de produções criadas para a publicização do relatório da OMS sobre idadismo. **Fonte:** Elaborado pelos autores

Vale notar, nesse sentido, que a leitura e discussão colaborativas permitiram que o grupo entrasse em contato com trabalhos científicos atuais, realizados em países diversos, o que por sua vez possibilitou melhor compreender a extensão do trabalho desenvolvido por pesquisadores ao redor do mundo. Ao mesmo tempo que isso aumentou a compreensão acerca da dimensão do processo de envelhecimento em termos transculturais, permitiu ao grupo explorar novos interesses de estudo e de investigação. Para os alunos de graduação em Fonoaudiologia que participam do grupo, por exemplo, ficam evidentes a complexidade do tema e a necessidade do avanço de articulação entre diferentes áreas e setores da sociedade para o combate ao preconceito etário.

Além disso, a publicação de material cientificamente produzido é de fundamental importância, pois possibilita que a sociedade civil conheça o trabalho acadêmico e científico, adquirindo conhecimento sobre pesquisa e ciência e reconhecendo sua presença no dia-a-dia. A divulgação de trabalhos científicos para a população aumenta o diálogo entre diferentes setores da sociedade, o que pode se traduzir na elaboração de políticas públicas. A este respeito, Lima (1999) afirma:

(...) a atividade da comunidade científica deve ser entendida não como centrada em si mesma, mas com elos de ligação com toda a sociedade que a financia e a preserva, esperando dela os resultados de suas pesquisas. Desse modo, o empreendimento científico possui um caráter eminentemente social. Isso torna a informação científica, especialmente para o leigo, uma meta necessária tanto quanto a informação especializada, pois muitas decisões, avaliações e ações de profundas repercussões sociais serão geradas por cidadãos não-especialistas (Lima, 1999, s/p).



Nesse sentido, o trabalho desenvolvido de divulgação científica ganha relevância para além do aspecto explicativo e educacional. No caso do idadismo, a ênfase à ação conjunta de todos os setores da sociedade para o avanço no entendimento e no combate ao idadismo, realizado pelo relatório da OMS, com destaque para uma campanha global contra o idadismo, reforça a importância e a urgência da publicização crítica de trabalhos científicos produzidos sobre o tema.

Além do trabalho de divulgação do relatório, o observatório também realiza o monitoramento contínuo de notícias sobre envelhecimento publicadas em grandes jornais do país, como a Folha de São Paulo, O Globo e o Correio da Bahia. O monitoramento tem como objetivo encontrar e discutir discursos idadistas que circulam nesses meios de comunicação e que influenciam, ao mesmo tempo em que registram, sentidos associados ao processo de envelhecimento e à velhice, seja por um viés ainda marcadamente negativo, ou por meio de notícias que tratam o envelhecimento como uma parte da vida que deve ser respeitada e não rejeitada.

A esse respeito, Moraes (2019) argumenta que o jornalismo é uma fonte importante de investigação, já que, de forma semiconsciente, atua como um princípio organizador da realidade social. Dessa forma, o autor ressalta a influência, muitas vezes decisiva, das notícias para a construção de sentidos a respeito dos fatos divulgados e consequentes registros de memória sobre um determinado assunto. Para o observatório, portanto, monitorar a circulação de notícias jornalísticas sobre envelhecimento torna-se um caminho metodológico importante para a compreensão da circulação de estereótipos, estigmas e de mudanças positivas no tratamento de temas relacionados ao envelhecimento e à velhice. Vale destacar, portanto, que um observatório pode ser compreendido como

instância de participação, considerando esse conceito como um processo de desenvolvimento da consciência crítica e de aquisição de poder de acordo com Bordenave e ainda uma forma de poder, uma maneira de intervir na realidade, estimulando a participação dos cidadãos e contribuindo para um ambiente democrático, especialmente em um contexto de “pós-verdade” e desinformação (Parente, 2020, s/p.).

Segundo Parente (2020), os observatórios, que aumentaram em número durante a pandemia de Covid-19, são importantes, ainda, ao superarem o “denuncismo”, comum no contexto jornalístico, quando elaboram iniciativas de intervenção nos contextos em que atuam.



Como mostra o trabalho da jornalista, além de monitorar, organizar, analisar e divulgar informações acerca de seus focos de atuação, cabe aos observatórios o papel de advogar e denunciar. Foi considerando esse papel que o Observatório do Idadismo elaborou uma carta-manifesto, intitulada "Quem vai ganhar com a transformação da velhice em doença?", contrária à inclusão do termo "velhice" ("old age") para substituir "senilidade" na décima primeira atualização da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11). O documento se posicionou em consonância com outros grupos que lutam pelos direitos dos idosos e com o posicionamento do Conselho Nacional da Saúde que recomendou, diretamente à OMS:

- I - Que reconsidere e altere a denominação do código MG2A-velhice, inserido na CID-11, para um termo de consenso a partir da consulta aos seus países membros, incluindo nesta consulta representantes de pessoas idosas, especialistas, associações, universidades e instituições que atuem no campo da saúde da pessoa idosa e do envelhecimento populacional; e
- II - Que o novo termo, a ser utilizado na substituição de velhice, esteja em consonância com a Década do Envelhecimento Saudável e com a declaração da própria OMS, no Relatório Global sobre o Preconceito de Idade, que "reúne as melhores evidências disponíveis sobre a magnitude e natureza do preconceito etário, seus determinantes e seu impacto" (Pigato, 2021, p.3).

A inclusão do termo foi considerada pelo observatório como um aprofundamento do processo de patologização e medicalização da velhice que traria como consequência o aumento do preconceito e da violência contra os idosos. Esse enfrentamento também se estendeu para uma mesa chamada "Velhice não é doença", realizada no Congresso Virtual da UFBA 2021, em dezembro, com a participação dos coordenadores do observatório e de outros professores. Movimentos como esses revelam o esforço de diversos grupos e coletivos para dialogar com a OMS, pressionando e movimentando a comunidade nacional e internacional a respeito do tema, o que resultou na retirada do termo e a substituição por "declínio de capacidade intrínseca associado ao envelhecimento" ("ageing associated decline in intrinsic capacity") no fim de dezembro de 2021.

A elaboração do manifesto e a organização da mesa exigiram o trabalho coordenado dos integrantes do observatório e se traduziu como um importante momento de fortalecimento no primeiro ano de trabalho porque nos mostrou a força do grupo no trabalho de articulação com outros grupos e pesquisadores para que os saberes produzidos pudessem circular em diferentes instâncias.





Finalmente, o último eixo de atuação do observatório sobre o qual discorreremos neste trabalho volta-se às atividades de formação elaboradas por meio de oficinas, workshops e rodas de conversa, sobre envelhecimento e idadismo, destinados a profissionais do campo da saúde e da educação com vistas a uma formação anti-idadista.

A primeira atividade realizada foi a participação no processo de elaboração de um encontro formativo do Curso de Extensão "Multiletramento Engajado: currículo como (trans)formação", organizado por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Linguagem e Atividade em Contexto Escolar (GP LACE, PUC-SP). O encontro, chamado de "Brincadeira pelo direito de envelhecer", foi realizado em outubro de 2021, virtualmente, por meio da plataforma Zoom, e contou com a participação de cerca de 30 professores da rede pública e privada de São Paulo matriculados no curso.

A atividade formadora foi dividida em três momentos principais. O primeiro oportunizou aos participantes uma *Imersão na Realidade* (Liberali, 2022); ou seja, uma imersão nas questões do universo do envelhecimento. Recepcionados com a música "Conversa de Botas Batidas" (Camelo, 2003), os professores foram convidados a participarem de um jogo teatral para olharem e observarem as fisionomias e aspectos particulares de seus traços. Olhando uns aos outros, os educadores, então, traçaram, com um lápis, as linhas de expressão em suas mãos, pescoços e rostos. No final, exageraram a expressão para uma foto. Em seguida, os participantes brincaram de "estátua", fazendo estátuas de um bebê, de uma criança ativa e saudável, de um executivo ocupado e de um homem mais velho. As duas atividades tinham como proposta sensibilizar os participantes, permitindo se conectarem corporal, afetiva e cognitivamente ao tema (Liberali *et al.*, 2023).

Ainda durante esse processo de *Imersão na Realidade*, quando os participantes vivenciam situações diversas relacionadas ao tema e lançam mão de seu patrimônio vivencial (Megale & Liberali, 2020) para se relacionar às situações apresentadas, os educadores assistiram a vídeos curtos e leram recortes de postagens, memes e reportagens no padlet intitulado "O Muro dos Esquecidos" (Figura 2). Assim, puderam apreender e se conectar cognitivamente e afetivamente com as opressões sofridas pelos idosos em diferentes contextos, como por meio do compartilhamento de memes em grupos de WhatsApp, violência doméstica e negligência de idosos, discursos de ódio compartilhados na esfera pública e o escândalo da seguradora de saúde Prevent Sênior, acusada de reduzir o nível de



oxigênio de pacientes internados em unidades de terapia intensiva (UTIs) para acelerar a liberação de leitos durante a pandemia de Covid-19, como apresentado anteriormente.



Figura 2: Recorte do padlet criado para a formação, intitulado “O Muro dos Esquecidos”. Fonte: Elaborado pelos autores

No segundo momento do encontro, durante a *Construção Crítica das Generalizações*, os participantes foram divididos em dois grupos para atuar em dois dilemas (idosa que se sente desamparada em um atendimento médico e decisão familiar sobre a ação médica). Em cada grupo, os educadores tiveram a oportunidade de se prepararem para encenar um dilema. Para tanto, os participantes leram documentos públicos sobre envelhecimento em São Paulo, um artigo científico sobre as taxas de mortalidade entre idosos com Covid-19, assistiram a um vídeo sobre envelhecimento demográfico, leram notícias sobre a prática de infantilização e silenciamento de idosos em contextos médicos, sobre o papel de geriatras e gerontologistas na promoção da saúde do idoso e sobre como atividades variadas ajudam a manter a saúde cognitiva. Eles também leram trabalhos científicos que descrevem diferentes teorias sobre a biologia do envelhecimento e sobre sua multidimensionalidade e entraram em contato com material de divulgação elaborado pelo observatório. Dessa forma, puderam refletir sobre as informações e questões relevantes abordadas nos materiais de apoio que poderiam ser utilizadas para a construção dos pontos de vista de cada um dos personagens envolvidos (médicos, idosos, acompanhantes e familiares) nos dilemas a serem encenados.

Após socializar as performances planejadas em cada grupo, os participantes passaram para a última atividade, a *Produção de Mudança Social*. Nesse momento, inspirados pelas discussões e reflexões realizadas anteriormente, os



participantes foram convidados a elaborar um "Manifesto pelo Direito ao Envelhecimento" como resposta à 11ª revisão da CID, como discutido anteriormente. No manifesto, os participantes apresentaram as ideias que rejeitavam, defendiam e apoiavam para garantir o direito ao envelhecimento.

O trabalho realizado – parte de um projeto de formação mais amplo realizado pelo GP LACE, que busca apoiar os professores para atuarem de forma crítica e colaborativa em diferentes disciplinas escolares – permitiu aos participantes identificar o idadismo e as práticas discriminatórias, ampliando seus conhecimentos sobre questões e lutas do envelhecimento, assim como suas práticas pedagógicas ao expandirem seus repertórios de atuação. Para o observatório, tratou-se também de uma excelente oportunidade de inserção no campo da formação docente, o que é fundamental no combate ao idadismo, já que a formação de professores não abarca essas questões de maneira crítica e sistematizada. Além disso, a experiência dessa atividade influenciou a criação da oficina com residentes da área de saúde, nos dando recursos para sua elaboração e para seu desenvolvimento. Sobre ela discorreremos a seguir.

A segunda atividade formadora desenvolvida pelo observatório teve, assim, como público-alvo, profissionais de saúde residentes da Universidade do Estado da Bahia. Esta oficina ocorreu após a retomada do funcionamento presencial das atividades universitárias, sendo realizada em abril de 2022. Como no encontro de formação com educadores, a oficina consistiu em uma série de atividades, seguindo, de maneira adaptada, os momentos de *Imersão na Realidade* (sensibilização sobre o tema), *Construção Crítica de Generalizações* (discussão e construção colaborativa de saberes) e *Produção de Mudança Social* (ações de intervenção), realizadas por meio de rodas de conversa com a presença dos integrantes do observatório e dos alunos da Residência em Saúde da universidade.

Inicialmente, os residentes participaram de uma atividade de sensibilização sobre o tema com o jogo teatral de observação e traço das linhas de expressão das mãos. Dessa maneira, os participantes puderam observar as rugas, mudanças e marcas de expressão em seus corpos, conectando-se cognitivamente e afetivamente ao tema do envelhecimento. Em seguida, foram convidados a desenhar uma pessoa idosa em folhas entregues pelos organizadores. Os desenhos realizados foram expostos para visualização de toda a turma e discutidos (Figura 3). Em



especial, os participantes foram convidados a observar as semelhanças e diferenças presentes nas ilustrações. Nessa atividade, os residentes puderam evocar estereótipos relacionados ao envelhecimento para iniciar a discussão sobre o assunto.



Atividades de sensibilização: traçando linhas de expressão e desenhando idosos

**Figura 3:** Atividades de sensibilização. Fonte: Elaborado pelos autores

Em um terceiro momento, ainda durante o processo de sensibilização do tema, um vídeo com situações idadistas foi transmitido para engajamento dos residentes e compartilhamento de suas impressões. Elaborado pelo observatório em colaboração com o GP LACE, o vídeo contou com uma cena da novela “Mulheres Apaixonadas” (2003) em que uma neta maltrata seus avós, e programas jornalísticos em que idosos são entrevistados sobre o abandono sofrido durante a pandemia e sobre a destinação de respiradores artificiais para pacientes mais jovens durante a pandemia. A proposta desta atividade era apresentar aos participantes experiências de violência contra o idoso, tanto reais quanto encenadas, assim como experiências de idosos que analisam a complexidade e injustiça presente na decisão de acesso aos respiradores mecânicos. A respeito dessa entrevista, vale destacar o argumento levantado pela entrevistada, que ressalta o apagamento que os idosos sofreram durante a pandemia: “Eu uso a minha (a máscara), me protejo, protejo ele. Amanhã vou disputar com ele o respirador lá no hospital. Ele, como é mais jovem, vai ter a preferência”. Segundo Oliveira e Mazuchelli (2021, p. 47), tal apagamento, fundamenta-se no idadismo e na “primazia de uma cultura jovem, na crença de que idosos não compreendem a situação da pandemia e que suas eventuais mortes são compreensíveis, seja pelo adiantado da vida, seja porque já atingiram uma marca cronológica que as justificariam”.





Na quarta atividade, os participantes passaram a aprofundar as discussões iniciadas nas ações de sensibilização. Assim, foram divididos em grupos para discutirem textos selecionados previamente pelo observatório para leitura e análise. Nesse momento, os residentes puderam, portanto, contrapor seus saberes, enquanto especialistas e estudantes, a informações e notícias veiculadas em jornais e revistas, além de artigos científicos. Como o curso realizado com os educadores, o material selecionado abarcava gêneros textuais diversos. Para essa oficina, foram selecionados: uma crônica sobre envelhecimento, um editorial que discutia a carta de suicídio do ator Flávio Miggliaccio, uma entrevista com um cientista que considera velhice como uma doença e que busca a cura para o envelhecimento, e uma conversa com leitores de um jornal, que debateram “velhofobia”, negacionismo e discurso de ódio nas redes sociais. Também foram selecionados um artigo de divulgação científica a respeito da infantilização do idoso, um artigo de opinião a respeito dos sentidos associados a “idoso” e “velho”, uma notícia sobre envelhecimento na cidade de Salvador, além de artigos de colunas de jornais sobre envelhecimento, mercado de trabalho e arquitetura voltada à pessoa idosa.

Dessa maneira, além de oferecer diversos pontos de vista a respeito de temas relacionados ao envelhecimento e ao idadismo, a atividade busca possibilitar que os participantes construam, de forma crítica e colaborativa, saberes e experiências novas que possibilitem questionar crenças e estereótipos associados à velhice. Assim, busca-se criar condições para que os residentes possam assumir posicionamentos para então elaborar práticas de mudança social, o último momento da oficina.

Assim, após as experiências de sensibilização e as discussões realizadas de aprofundamento do tema, os participantes foram convidados a se posicionar a partir da pergunta: “E aí, residente, o que você vai fazer para combater o idadismo?”. Nesse momento, então, eles produziram um cartaz listando as ações de combate ao idadismo que desejam realizar: “Garantir a autonomia”; “Respeitar os desejos”; “Conscientizar a sociedade”; “Denúncias, notificações”; “Promover a intergeracionalidade”. Trata-se, para nós, de um momento muito importante, já que a oficina tinha como objetivo engajar os participantes a buscarem transformar seus espaços de atuação.





As atividades de formação propiciaram, tanto aos residentes quanto aos integrantes do observatório, uma oportunidade rica de expansão de suas compreensões sobre o idadismo e de questionamento de possíveis posicionamentos discriminatórios, uma vez que os residentes trouxeram a sua experiência clínica sobre como o idadismo se manifesta em seus espaços de atuação e suas reações dentro do ambiente clínico em caso de preconceito. Um diálogo fundamental para o enriquecimento das futuras ações do observatório.

## CONCLUSÃO

Este artigo traz reflexões em torno das experiências e estratégias de combate ao preconceito etário – um problema parcialmente invisível associado à diminuição da longevidade e a transtornos mentais e que traz danos para diversas esferas da vida – realizadas pelo Observatório do Idadismo ao longo de seu primeiro ano de atuação. Cabe ressaltar que estes são os primeiros passos de um projeto de extensão universitária que, como tal, valoriza o trabalho colaborativo de seus membros. Além disso, o projeto se articula com diferentes pesquisas multidisciplinares e com o ensino. Articulação que se dá em via de mão dupla com a sociedade, oxigenando os conhecimentos produzidos na universidade e os fazendo retornar de maneira renovada (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESU/MEC [FORPROEX], 2012).

Essa construção dialógica, livre de roteiros pré-estabelecidos, é desafiadora. O Observatório do Idadismo lida com a falta de pesquisas sobre o tema, principalmente em relação à literatura científica nacional, que nem sempre o entende como relevante e premente. Isso transparece, por exemplo, na dificuldade de recepção do tema, uma vez que a crítica ao idadismo se contrapõe a discursos fortemente presentes na sociedade que apagam a multidimensionalidade do envelhecimento, como aqueles de raízes eugênicas revestidos de desejo de corpos eternamente jovens e saudáveis, ou os que, ao conceber a velhice como inevitável, argumentam não haver o que discutir. Esses discursos se aprofundaram na pandemia da Covid-19 (Oliveira & Mazuchelli, 2021; Mazuchelli *et al.*, 2021), nos demandando, enquanto estudiosos do envelhecimento, a agir.



Espera-se, por fim, que a experiência relatada possa servir de material para discussão teórico-metodológica, considerando-se se tratar do início de um trabalho de reflexão e ação que pode subsidiar outras frentes de atuação. As experiências que foram descritas neste trabalho apontam para outros caminhos e outras velhices possíveis, sem deixar de olhar para os aspectos sociais, históricos e culturais que constituem as trajetórias de vida. Apontam também para a necessidade de aprofundar a reflexão sobre a interpenetração do idadismo com os outros "ismos" (racismo, capacitismo, sexismo) e de desenvolver, criativamente, outras metodologias e estratégias de enfrentamento do preconceito.

## REFERÊNCIAS

Brasil. Lei No 8.842 de 4 de janeiro de 1994 (1994). Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8842.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm)

Brasil. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003 (2003). Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências Brasília; Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm)

Camelo, M. (2003). Conversa de Botas Batidas [Gravado por Los Hermanos]. In *Ventura* [CD]. Rio de Janeiro: BMG.

Castro, G. S. (2016). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia*, (31), 79-91. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120675>.

Chang E. S., Kanno S., Levy S., Wang S. Y., Lee J. E., & Levy B. R. (2020). Global reach of ageism on older persons' health: a systematic review. *PLOS ONE*, 15(1), 1-24. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0220857>.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESU/MEC (2012). Política Nacional de Extensão Universitária, Manaus. Kalache, A., Silva, A., Giacomini, K. C., Lima, K. C., & Ramos, L. R., Louvison, M.; Veras, R. (2020). Envelhecimento e desigualdades: políticas de proteção social aos idosos em função da Pandemia Covid-19 no Brasil, Editorial, *Revista Brasileira de Geriatria*, 23(06), 1-3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200122>.

Kotter-Grühn, D., Kleinspehn-Ammerlahn, A., Gerstorf, D., & Smith, J. (2009). Self-perceptions of aging predict mortality and change with approaching death: 16-year longitudinal results from the Berlin Aging Study. *Psychology and Aging*, 24(3), 654-667. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0016510>.



Kuhl, N. (2021). Longevidade é ruim para os cofres, diz Guedes: “Querem viver 100 anos”. *Metrópoles*. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/longevidade-e-ruim-para-os-cofres-diz-guedes-querem-viver-100-anos>.

Liberali, F. C. (2022). Multiletramento Engajado na construção de práticas do Bem Viver. *Linguagem em (Dis)curso*, 22(1), 125-145. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-220109-8421>.

Liberali, F. C., Mazuchelli, L. P., Pejão, R. da S. T., Vendramini-Zanella, D., Fuga, V. P., & Modesto-Sarra, L. K. (2023). Funds of Perezhivanie: creating cracks in the walls of oppression. In A. Salmon & A. Clavijo-Olarte (Eds). *Handbook of Research on Socio-Cultural and Linguistic Perspectives on Language and Literacy Development* (pp. 414-434). IGI Global. Disponível em: <https://doi.org/10.4018/978-1-6684-5022-2.ch022>.

Lindner, J. & Vargas, M. (2020, 28 de maio). Morte de idosos por covid 19 melhora contas da previdência, *O Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,morte-de-idosos-por-covid-19-melhora-contas-da-previdencia-teria-dito-chefe-da-susep,70003317874>.

Levy, B. R., Slade, M. D., Kunkel, S. R., & Kasl, S. V. (2002). Longevity increased by positive self-perceptions of aging. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(2), 261–270. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.83.2.261>.

Lima, J. C. V. (1999). Divulgação científica e sociedade. *Revista Fapesp*, 45. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/divulgacao-cientifica-e-sociedade/>.

Mazuchelli, L. P., Soares, M. F. de P., Noronha, D. O., & Oliveira, M. V. B. (2021). Discursos sobre os idosos, desigualdade social e os efeitos das medidas de distanciamento social em tempos de Covid-19. *Saúde e Sociedade*, 30(3), 1-12. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200885>.

Megale, A. H., & Liberali, F. C. (2020). As implicações do conceito de patrimônio vivencial como uma alternativa para a educação multilíngue. *Revista X*, 15(1), 55-74. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v15i1.69979>.

Moraes, E. (2019). *Aplicativos de notícias, destacamento e efeitos de sentidos: representações internacionais sobre o Brasil (em UOL e Le Monde)*. São Paulo: Editora Unesp Digital. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788595463325>.

Oliveira, M. V. B., & Mazuchelli, L. P. (2021). Responsabilidade Intergeracional e pandemia de covid-19. *Bakhtiniana*, 16(4), 29-52. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457351679>.

Parente, C. (2020, 11 de agosto). A pandemia e o papel dos observatórios, *Observatório da Imprensa*. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da-imprensa/a-pandemia-e-o-papel-dos-observatorios/>.



Pigato, F. Z. (2021). RECOMENDAÇÃO Nº 020, DE 09 DE AGOSTO DE 2021, Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1956-recomendacao-n-020-de-09-de-agosto-de-2021>.

Sakamoto, L. (2020, 27 de março). Bolsonaro quer convencer que vida de idoso é pedágio a pagar ao coronavírus, *UOL*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/03/27/bolsonaro-quer-convencer-que-vida-de-idoso-e-pedagio-a-pagar-ao-coronavirus.htm?cmpid=copiaecola>.

Silveira, D. (2021, 28 de setembro). Prevent Senior, a empresa pivô de um dos maiores escândalos médicos na história do Brasil. *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/09/28/prevent-senior-a-empresa-pivo-de-um-dos-maiores-escandalos-medicos-na-historia-do-brasil.ghtml>.

Veras, R. O., & Oliveira, M. (2018). Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciência e saúde coletiva*, 23(6), 1929-1936. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04722018>.

World Health Organization (2021). *Global report on ageism*. World Health Organization. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/340208>.